

RUI VALÉRIO

Sabotage

Inauguração 13 Setembro - 22h
14 Setembro - 26 Outubro

Galeria Graça Brandão
Rua dos Caetanos, 26
Bairro Alto, Lisboa



SEPT.13.2013

Se pensarmos em geometria chamamos a dois planos que se cruzam, planos intersectados. Nessa intersecção eles cortam-se e interrompem-se ao mesmo tempo que se unem e passam a formar um todo indissociável.

Aí pertence o trabalho de Rui Valério, o lugar onde se materializa a intersecção, onde se transpõem, combinam e misturam ligações inesperadas.

Os objectos artísticos que nos apresenta, são sempre uma coisa e outra, obrigando-nos a senti-los e a percebê-los em sentidos que se interceptam. São objectos provocatórios que exploram sentidos sinestésicos e linguísticos que nos confundem mas nos alargam as capacidades perceptivas e de interpretação. Esta provocação, contém ainda um forte sentido lúdico, feito de jogo, brincadeira e ironia, que nos desconcerta e desordena para, no fim, nos oferecer algo novo.

Diríamos que três planos fundamentais têm estado coerentemente presentes e cruzados no percurso artístico de RV. A atitude experimentalista, a conexão e transposição entre universo sonoro/musical e o universo visual/artístico, a referência à história da arte conceptual.

Sabotage é na primeira impressão um ambiente, um clima. O espaço da galeria é tornado um espaço total, onde som, objecto visual, história da arte, luz e espaço arquitectónico se confundem e contaminam, onde todos são sujeito e presença.

A exposição parte da ideia de adulteração e reinterpretação de outras obras de arte. Os objectos e conceitos são submetidos a operações bastante simples mas com um efeito massivamente transformador. Tornam-se outros. Explora-se o potencial de simultâneo reconhecimento e surpresa: "Estas obras são duplos de outras obras. Estas obras não são duplos de outras obras", diz o artista.

Os enunciados das peças de origem são amplificados (para utilizarmos o título da peça (Amplified L-Beams), tornam-se sonoras umas, mudam de escala (Persuasive Percussion) ou de material e método de produção outras (Variations of Incomplete Open Cubes) são tornadas visíveis e/ou audíveis qualidades escondidas ("Kraahraark!"), obras diferentes são misturadas entre si (Looks Like Buren Sound Like Paik). Manifestam-se contradições (Two Contradictory Variations of La Monte Young #4 1960 Score), inverte-se o sentido da percepção-cognição, desdobram-se significados, cita-se mas com voz própria (Desenhos que evocam som).

RV, por um lado apropria-se, sabota, subverte. Por outro, referencia, homenageia, reconhece à fonte o seu poder de não ser passado ou arquivo morto, mas continuar a ser estímulo.

O poder de poder ser, de novo, novo. A intersecção também aqui se exerce, é troca e avanço, os objectos ficam crivados por outro pensamento artístico, outro universo próprio. Implícitas estão também as reflexões sobre o novo, a originalidade (Neu Neu Neu). Sobre os processos de criação (Subtitle) e sobre a condição da arte e do artista.

A arte é um acto público e enquanto tal é entregue ao mundo. Nesse momento é representante de uma actualidade mas se permanecer pensamento vivo fica sujeita à transformação.

Ao artista cabe criar arte. E fazê-lo com o seu próprio selo e com as condições do momento em que vive. O selo não é senão aquilo que ele é capaz de reinventar e originar a partir da sua limitação e singularidade perante o que existe ao seu dispor. Um jogo entre possibilidades e impossibilidades, mas uma busca de revelação e novas associações. A regra desse jogo é a experimentação.

Voltamos assim ao título da exposição, Sabotage. Como se inventa o novo senão pela subversão do que já existe? Experimentalismo é risco e provocação, é pegar pelo avesso, sabotar. É sabotagem ou é experimentalismo? É uma coisa e a outra. A intersecção e a convergência de sentidos, mesmo contraditórios, é sempre uma verdade mais inteira.

Joana Coelho
Setembro 2013

Rui Valério. (1969, Lisboa, Portugal). É licenciado em Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. O seu trabalho distingue-se pela exploração da relação entre imagem e música, a ideia de sinestesia e o uso de técnicas de remistura e apropriação. As suas obras reflectem interrogações sobre criação artística e originalidade, jogam com duplos sentidos e com a materialização de opostos.

projecto:



colaboração:

